

## **Da modernização a Agroindustrialização: COPAGRIL - Marechal Cândido Rondon, PR**

Mariangela Richart<sup>1</sup>

Marli Terezinha Szumilo Schllöser<sup>2</sup>

### **Introdução**

Os agricultores pesquisados para a elaboração desse trabalho são associados à Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL, no município de Marechal Cândido Rondon, localizado na Mesorregião Oeste do Paraná, em períodos variados desde 1970 a 2008, porém o maior número dessas associações ocorreu nesta década. A contradição existente entre a teoria e a prática do sistema cooperativista ficou exposta nas entrevistas, demonstrando o descontentamento dos associados frente ao estágio atual.

Esta pesquisa foi iniciada no segundo ano, quando proposto na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa (METEP) a elaboração de um pré-projeto monográfico. Posteriormente foi efetivado como parte proposta para a investigação científica, fato que auxiliou na elaboração do trabalho monográfico e conseqüentemente esse breve esboço.

Ao pesquisar uma cooperativa se pretende compreender a atuação, reação, interferência recebida por seu quadro social com as ações e práticas por ela desenvolvidas, bem como suas produções vinculadas ao agronegócio.

O estudo de caso envolve uma agroindústria, ou seja, um segmento do agronegócio que é favorável as transformações na produção, nas relações de trabalho, na articulação do associado com a indústria, na manutenção das associações (cooperativas). Enfim, para a Geografia Agrária, trata-se de uma área privilegiada à análise da produção do espaço e que envolve representações e interesses diversos, sobretudo como o capital é firmado através de suas formas desiguais e combinadas.

Foram analisadas as informações, ações e práticas desta cooperativa somente no município de Marechal Cândido Rondon-PR, mas precisamente na Vila Curvado, interior deste município, abrangendo um recorte temporal de 1990 –2008, pois neste período passou a ocorrer um aumento na modernização, na diversificação e na especialização das culturas no campo. Porém, vale relatar que o processo de colonização, modernização foram destacados, pois analisando o processo do passado, facilitou e facilitará a compreensão do estágio atual e de futuras pesquisas.

GERKE (1992) na descrição de suas entrevistas optou por não citar os nomes dos associados devido a não aprovação dos mesmos. Neste estudo de caso foi seguido o mesmo modelo, pois os associados entrevistados não queriam ter um comprometimento com a cooperativa devido às informações repassadas, esse fato já

---

<sup>1</sup> Autora e integrante do GEMMA.

<sup>2</sup> Professora de Geografia na UNIOESTE, orientadora e Coordenadora do GEMMA

direciona a temática das relações de poder existentes entre as partes, onde o associado destaca sua indignação, porém não permite a identificação, onde em alguns casos seus relatos não são cobertos de clareza e veracidade.

O interesse por esta temática é resultado de experiências do cotidiano, de conversas com agricultores associados descontentes com as ações e práticas desta Cooperativa, pois, segundo os mesmos, nos últimos anos a COPAGRIL não está seguindo mais seus princípios de união, cooperação, a mesma estaria se inserindo cada vez mais na lógica mercantil empresarial, sobretudo com a agroindustrialização, onde objetiva-se somente a rentabilidade, através da competitividade, bem como sua ascensão no mercado. O incentivo ocorreu sobretudo com o Agricultor José Richart (*in memoriam*) onde ele no caráter de sujeito associado à Cooperativa demonstrava seu descontentamento e indignação frente a algumas políticas adotadas pela Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL.

Se caracteriza o sujeito como agricultor e não como camponês, pois no decorrer da pesquisa, associados que possuem cargos políticos serão mencionados, os quais não possui ligação restrita a terra como fonte de subsistência. O agricultor neste caso de estudo é aquele que tem acesso a uma parcela da terra para produzir, onde a produção pode ser feita a partir da força de trabalho familiar bem como assalariado.

Além da fundamentação teórica com autores que estudam o tema, a realização de entrevistas representou o procedimento empírico da pesquisa. Entrevistas realizadas durante o mês de Agosto e Setembro de 2008 foram direcionadas para a obtenção de informações para analisar e produzir evidências ao conjunto de questões estudadas.

Ao iniciar a exposição desse trabalho, destacar-se-á alguns aspectos da Colonização e da Modernização Agrícola em Marechal Cândido Rondon, processo de colonização promovido pela Industrial Rio Paraná S/A (MARIPÁ) no Oeste paranaense, sobretudo deste município, com a tarefa de repartição, comercialização e aplicação de infra-estruturas que contribuíram para que aos agricultores ficassem a mercê das transformações que desencadearam o processo de modernização da agricultura, acelerado pela ação conjugada do governo do Estado com a das cooperativas.

Na seqüência, o papel político e econômico desempenhado pelas empresas cooperativas será apresentado, abordando a correlação do cooperativismo e da cooperativa de modo a evidenciar que o surgimento de cooperativas agroindustriais é resultante de contradições na prática do cooperativismo, na medida em que se difundiu numa economia de mercado capitalista. Explicitamos a função da cooperativa como instrumento, sobretudo, utilizado pelo governo do Estado e por grandes empresas, que viabilizou determinados modelos de produção na agropecuária. Neste item, encontra-se um breve histórico do cooperativismo no Brasil, no Paraná e em Marechal Cândido Rondon.

Por fim destacar-se-á a temática COPAGRIL, associados e relações de poder, apresentando as perspectivas dos associados através da pesquisa empírica, sua relação com a cooperativa, as novas formas de renda da terra disseminadas por esse sistema ao capital, seus discursos ideológicos.

Portanto, este trabalho demonstra a necessidade de entender as relações de poder e manipulação que esta Cooperativa exerce sobre os associados e suas respectivas famílias, resultando em importantes debates entre os sócios, questionando o atual estágio do cooperativismo. A pesquisa ainda se mostra relevante na contribuição do estudo para o enriquecimento do debate das dinâmicas do capital e do cooperativismo na Geografia, proposta que será mantida com estudos posteriores a graduação.

### **Aspectos da Colonização e da Modernização Agrícola em Marechal Cândido Rondon - PR**

A política de imigração, povoamento e colonização adotada em todo o país, bem como no Oeste Paranaense pela Colonizadora Melhoramentos Industrial Rio Paraná S/A (MARIPÁ) visava ocupar ambientes de mata, incentivando os agricultores a comprarem lotes das companhias colonizadoras ou do governo do Estado. Esta compra de lotes e os adiantamentos de meios de produção e subsistência forçaram os mesmos a entrarem no mundo mercantil, pois, em muitos casos, estes contrairiam a dívida colonial.

A colonização empresarial no Oeste do Paraná, atrelada aos interesses econômicos e políticos nacionais, se caracterizou pela apropriação e organização do espaço a partir dos interesses das companhias colonizadoras e pelo desenvolvimento de uma produção agrícola não apenas para a subsistência, mas para o mercado, que garantiria a renda ao pagamento das terras. Assim, havia uma sintonia de interesses entre companhias colonizadoras, política do governo do Estado e objetivo dos migrantes.

No Oeste do Paraná, o projeto da colonizadora MARIPÁ se tornou fabuloso, onde posteriormente foi adotado por outras empresas. Porém, tanto no restante do Paraná como no Mato Grosso, nenhum projeto de colonização empresarial conseguiu se equiparar ao sucesso da MARIPÁ (PFLUCK, 2002). Referente a essa forma de colonização do Oeste do Paraná, conseqüentemente, sobretudo neste estudo de Marechal Cândido Rondon, segundo um dos associados entrevistados, “o projeto de colonização aqui adotado foi diferenciado, os primeiros produtores eram pequenos, podendo dizer que selecionados por credo ou etnia. Não foi uma doação, mas pelo menos se dava uma condição de pagamento considerável”<sup>3</sup>.

Esta colonização, aplicada no Oeste do Paraná, está vinculada ao conjunto de transformações nacionais em nível de urbanização e industrialização quando se acentuava o movimento migratório de caráter interno, e nesse caso, significou o estabelecimento de

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada no mês de Setembro de 2008, com associado da COPAGRIL.

descendentes de italianos, alemães e poloneses procedentes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, em pequenos lotes de terras destinados a agricultura (FREITAG, 2001). Outro fator seria as altas taxas de fecundidade e as conseqüentes partilhas de propriedades, onde os camponeses estavam sendo “expulsos” das antigas colônias do Rio Grande do Sul, o que estimulou a infiltração de migrantes no Oeste do Paraná, originando uma nova fronteira agrícola. Ao mesmo tempo em que representa uma fonte de expansão econômica, desempenha um papel importante em nível político, pois “[...] permitiu canalizar os excedentes populacionais que permanecendo nas suas regiões de origem, poderiam ter determinado agravamento das tensões sociais”. (SORJ, 1986, p.18).

Em decorrência das frentes de ocupação, dos novos habitantes de suas experiências de trabalho, a região Oeste se encontrava ocupada na década de 1960, porém ainda passaria por contundentes transformações na estrutura agrária e na produção agrícola, oriundas da modernização da agricultura.

O planejamento das companhias colonizadoras, na divisão das terras em pequenos lotes, representou muito mais uma estratégia de venda, onde vendiam lotes menores em vista do poder aquisitivo dos compradores. O objetivo das colonizadoras era vender rápido para recuperar os próprios investimentos, pois havia o comprometimento prioritário com o capital privado.

Após cumprir a tarefa de repartição, comercialização e aplicação de alguma infra-estrutura, a empresa colonizadora findava suas obrigações. Isso significa que os agricultores ficavam a mercê das transformações que desencadearam o processo de modernização da agricultura acelerado pela ação conjugada do governo do Estado e das cooperativas.

A agricultura desempenha função básica em todos os ramos da economia e com o passar dos anos ocorreram várias transformações, onde a terra diminuiu seu espaço social de produção e de relações familiares, assumindo progressivamente, o caráter produtor de mercadorias. Como destaca GERKE (1992, p.48), das várias divisões que se ampliam à agricultura, uma bem razoável quanto a seu estágio tecnológico é a classificação em agricultura primitiva, tradicional e moderna.

O processo de modernização da agricultura é inicialmente instalado no país como uma estratégia de desenvolvimento econômico do ponto de vista capitalista de ampliação, de acumulação de capital. Este processo é intensificado mundialmente após Segunda Guerra Mundial, por meio da adoção de um pacote tecnológico, de origem norte-americana conhecido como a Revolução Verde.

Essa “Modernização” repercutiu significativamente no conjunto das relações sociais, na cultura e na produção agropecuária do Oeste do Paraná. Para SCHALLENBERGER (1994, p.25) “as referidas novas tecnologias despojaram os camponeses do seu saber tecnológico, levando-os à perda do domínio e do controle dos processos produtivos na agropecuária”. Assim, a inserção da região

no circuito internacional moderno de produção e de mercados teria contribuído para romper os vínculos societários, substituindo as relações de confiabilidade pelas relações contratuais, imprimindo uma postura individualizante, característica do modo de produção capitalista.

A pesquisa de campo que realizamos, seus resultados contradizem em parte com o que o autor acima argumenta. A grande maioria dos associados entrevistados acrescenta que a modernização não levou a perda total do controle dos processos produtivos, e sim a especialização nessa área, pois os mesmos já adotavam o plantio direto, a modernização veio a somar com novas técnicas, como a adoção da curva de nível.

Após 1970 os agricultores de Marechal Cândido Rondon, passam a utilizar, além da rotação de culturas, novas técnicas de uso do solo, como sementes selecionadas, implementos, insumos químicos e máquinas, além da prática especializada na monocultura, aumentando assim a produção, bem como o uso de mercadorias industrializadas e a dependência do campo à cidade.

No caso das inovações mecânicas foi possível a substituição e a redução do uso de mão-de-obra e o aumento do uso da terra e de capital. Essa substituição da mão-de-obra e a conseqüente redução populacional no campo ficam claras na tabela (01), onde a mudança do contingente populacional campo/ cidade em Marechal Cândido Rondon é significativo a partir da década de 1991, devido a crises enfrentadas na agricultura, falta de crédito, bem como a instalação de indústrias no município, as quais os empregos eram supridos por ex-agricultores, ou ex-assalariados rurais, que devido às novas técnicas, sua permanência no campo não era necessária.

Tabela (01) –População Urbana e Rural em Marechal Cândido Rondon- 1970 a 2006

Anos	População				Total
	Urbana		Rural		
	Abs.	%	Abs.	%	
1970	7.166	16,37	36.610	83,63	43.776
1980	25.039	44,55	31.171	55,45	56.210
1991	26.455	53,52	22.975	46,48	49.430
1996	22.683	60,31	14.925	39,69	37.608
2000	31.246	76,20	9.761	23,80	41.007
2006	-	-	-	-	45.369

Fonte: IBGE

SINHORINI (2007) destaca que a modernização agrícola não atingiu todos os lugares e pessoas com a mesma intensidade, além disso, não significou a substituição de todos os equipamentos de trabalho, ditos rudimentares por equipamentos modernos. Mesmo com o sistema moderno implantado no Oeste Paranaense, muitos elementos da agricultura tradicional foram preservados, como os animais utilizados no trabalho da lavoura, o uso de insumos produzidos na própria propriedade, como o “chá de fumo”, para controlar as pragas, a produção de milho para suínos, palha de trigo,

soja e outras sementes. Vale destacar que essa resistência, esta presente nos noticiários das emissoras locais.

Com a modernização foi se moldando alguns valores dos agricultores, valores estes ligados a lógica do capital, como o de individualismo, onde aquele agricultor prestativo, produtor de varias culturas, foi perdendo seu espaço para o “granjeiro, parceiro”, que seria o agricultor mecanizado, capitalista inserido em uma cooperativa. Esses elementos apresentaram mudanças na sociedade rural local, por facilitar a extinção de algumas pequenas propriedades e o surgimento de outras maiores, onde a possibilidade de produzir em maior escala determinados produtos afetou a estrutura da unidade agrícola.

No processo de modernização da agricultura com bases no pacote tecnológico da Revolução Verde, o governo do Estado teve participação decisiva para a viabilização da empresa agrícola com base na acumulação capitalista. Dentre elas, a criação de cooperativas que viessem a executar políticas públicas voltadas ao setor rural, tais como, preços mínimos, compra de safras, créditos, assistência técnica, etc. Essa ligação entre o governo do Estado e as cooperativas é contraditória, ao analisar os princípios cooperativistas e o não lucro.

Segundo SINHORINI (2007), as cooperativas intensificaram a circulação de mercadorias e a subordinação dos produtores ao capital em diferentes escalas, onde o produtor é inserido neste novo sistema e a condição para permanecer neste processo é a continua mecanização. Por meio do sistema de crédito, o agricultor realiza a aquisição de máquinas, implementos e equipamentos, calcário, fertilizantes químicos, sementes selecionadas, agrotóxico, entre outros. Assim, a maior ou menor integração do mesmo ao crédito era um fator que determinava o grau de intensidade da modernização agrícola.

A cooperativa foi fundada e idealizada para ter como linha básica “o apoio ao produtor rural, a defesa dos interesses comuns desta classe trabalhadora e produtora”<sup>4</sup>.

O discurso do periódico da cooperativa atribui, pois, um papel de destaque ao homem do campo, sendo mostrado como aquele que contribui para o desenvolvimento nacional e aquele que garante alimentos para o povo brasileiro. Esta tarefa tem raízes em representações do passado e da própria concepção que o agricultor construiu em torno do seu modo de ser. De acordo com essa construção, ele buscava a garantia da subsistência sua e a dos seus, além de produzir para o mercado ( GREGORY, 2007, p.159).

Em Marechal Cândido Rondon, esta modernização reformulou visões sobre o agricultor local. Para GREGORY (2007) as representações alcançaram-no da situação de atrasado para a figura de trabalhador empreendedor, em torno dele construiu-se um

---

<sup>4</sup> Manchete do INFORMATIVO COPAGRIL, julho de 1984, p.8 e 9 destacado por GREGORY, 2007,p.158)

produtor rural modernizado, consumidor de tecnologias, de bens de consumo e atualmente integrado a agroindústria. Esses aspectos da modernidade propiciaram a transformação do agricultor em granjeiro, parceiro, ou seja, produtor e empreendedor, porém subordinado à cooperativa, inserido no mercado. Tal idealização se caracteriza pela seleção de alguns e pela concentração de terras e renda.

Portanto, está claro que o processo de colonização e modernização no Oeste do Paraná, estão articulados ao governo do Estado e outras entidades, como a própria empresa colonizadora, onde juntos deram suporte para a criação da Cooperativa COPAGRIL, como forma de amparar e auxiliar os agricultores. “Há quem acredite que as cooperativas poderiam contribuir para uma modernização menos dolorosa e menos conservadora se estivessem voltadas ao ideal cooperativista universal”<sup>5</sup>. Porém, ao se comprometerem com o modelo de modernização da agricultura brasileira voltada aos sistemas econômicos dominantes, praticam contradições entre a teoria e a prática do cooperativismo, pois o que se pode ver no campo brasileiro é uma modernização conservadora, que privilegia apenas algumas culturas regionais assim como alguns tipos específicos de unidades produtivas de médias e grandes propriedades supõe-se que nunca uma transformação dinâmica auto-sustentada, pelo contrário, uma modernização induzida através de pesados custos sociais e que só vinga pelo amparo do governo do Estado.

### **Movimento Cooperativista.**

O cooperativismo teve origem na organização dos trabalhadores na Inglaterra, no período da Revolução Industrial. Segundo os registros históricos destacados por RECH (2000, p.21), no ano de 1844, diante do desemprego e dos baixos salários em Rochdale, um bairro da cidade de Manchester, 28 tecelões se reuniram para comprar coletivamente produtos de primeira necessidade, incluindo alimentos. Formaram então a “Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale”, conhecida como primeira cooperativa da História.

“A cooperativa é uma associação de pessoas que se uniram voluntariamente para realizar objetivo comum, através da formação de uma organização administrativa e controlada democraticamente realizando contribuições eqüitativas para o capital necessário e aceitando assumir de forma igualitária, os riscos e benefícios do empreendimento no qual os sócios participam ativamente” (RECH, 2000, p.22).

No mundo, não existe um modelo único de cooperativa. No entanto, de modo geral, a proposta cooperativista construída pelo

---

<sup>5</sup> Belusso (2007)

grupo de trabalhadores de Rochdale acabou por ser a referência para quase todos os lugares. Claro que, dependendo dos estágios democráticos de cada país, a cooperativa foi assumindo características comunitário-participativas. Esta experiência dos trabalhadores da Inglaterra influenciou a organização de cooperativas de trabalho na França e de crédito na Alemanha. Essas experiências foram difundidas pelo mundo inteiro instalando-se no Brasil no final do século XIX e início do século XX.

A primeira vista a palavra cooperativismo reflete a impressão de justiça social e de anticapitalismo. Entretanto, a cooperativa agropecuária<sup>6</sup> (que hoje se transformou em cooperativa Agroindustrial), “[...] constitui um degrau a mais para o capitalismo e não para o socialismo” (KAUTSKI, 1980, p.285).

No contexto da economia competitiva, a cooperativa é parte de uma estrutura global, ou seja, a sua decisão e o seu comportamento econômico dependem das condições dominantes no meio em que ela existe, “[...] as cooperativas são constantemente pressionadas pela racionalidade capitalista, que decorre essencialmente de comportamentos econômicos qualificados de eficazes, eficientes, rentáveis, produtivos [...]” (PINHO *apud* BELUSSO, 2007, p.15)

Conforme SERRA (1986, P.89), as cooperativas optaram diante de dois caminhos, o de crescer ou desaparecer. Esses motivos agitam as estruturas e a importância social, pois para elas não se marginalizarem, acompanham o processo tecnológico e transformam suas bases produtivas, ou seja, além do armazenamento e comercialização de produtos *in natura*, investem em plantas industriais para transformar o produto agrícola em mercadoria pronta para o consumo, o que significa competir com as famosas marcas do mercado do segmento de alimentos como: laticínios, carnes, entre outros. Essa competição pode ser verificada, com o slogan da Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL, onde a mesma possui a missão de interagir tecnologia e eficiência produtiva à agropecuária, para satisfazer a necessidade e o bem-estar das pessoas, através da industrialização e comercialização de produtos alimentícios com padrões de excelência.<sup>7</sup> No discurso o bem estar é do cliente, na prática o bem estar da empresa.

O pensamento cooperativista e as cooperativas, ao se difundirem pelo mundo e se proliferarem pela agricultura, deveriam se adaptar às particularidades do lugar e aos objetivos sujeitos que a efetivaram. No Brasil, foi através de imigrantes de países europeus e asiáticos que as cooperativas de produtores rurais foram introduzidas entre o final do século XIX e o início do século XX.

O movimento cooperativista no meio rural brasileiro adquiriu grande relevância nos Estados da região sul, especialmente por causa da influência dos seus colonizadores, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, juntamente com a região Sudeste lideram as

<sup>6</sup> Caráter da COPAGRIL, devido às atividades com a agricultura, pecuária e indústria. Tema de estudo da monografia.

<sup>7</sup> <http://www.copagrill.com.br/>, acessado no dia 08/10/2008



exportações entre as cooperativas brasileiras. Um fato importante ao contexto sobre o campo brasileiro, são suas tensões, conflitos agrários que justificam a luta pela reforma agrária, porém questiona-se, esse não seria um cenário carente de organizações cooperativas, pois se houvesse auto-suficiência, ou melhor, se cada agricultor estivesse provido de as suas necessidades, não haveria mobilização ou união de esforços para efetivar uma cooperativa.

Como ressalta BELUSSO (2007, p.33), é em situação de crise que surgem as cooperativas, e para combater essa crise intensificada pela separação da posse e do uso dos meios de produção e distribuição que os princípios cooperativistas deveriam ser fortalecidos. Entretanto, na medida em que um grupo de associados obtém conquistas, ele atrapalha a ascensão de outros, ou seja, reage em defesa da preservação dos benefícios que alcançou, fato esse exemplificado pela fala de um associado entrevistado, onde o mesmo argumenta que para ele “obter êxito, lucro é através das desgraças, frustrações de safras dos outros”<sup>8</sup>.

O surgimento das cooperativas de produção agrícola, no Paraná, ocorreu a partir da década de 1940, inicialmente em função dos produtores de erva-mate, posteriormente, a partir de 1957, em função dos produtores de café, que

Apesar do distanciamento espacial e temporal entre as cooperativas de mateiros, implantadas no Sul e no Oeste do Estado [...] e as cooperativas de cafeicultores [...], alguns pontos em comum existiram entre elas. Por exemplo: ambas surgiram em períodos de crise de mercados, [...] neste mesmo período foram beneficiadas com o apadrinhamento governamental, foram estruturadas em função de produtos destinados ao mercado externo (SERRA, 2000,p.145).

A mesorregião Oeste do Paraná, sobretudo o município de Marechal Cândido Rondon, diante de condições favoráveis de clima, topografia, fertilidade e estrutura do solo, a atividade agropecuária<sup>9</sup> ocupou e ocupa importante fatia do mercado, o que impulsiona o desenvolvimento da economia regional. Segundo o IPARDES (2004, p.69), a mesorregião Oeste, dentre as regiões do Estado, é talvez aquela na qual melhor se visualiza o processo de desenvolvimento tecnológico na produção agropecuária.

Essa caracterização é pertinente, pois o espaço geográfico é produto do processo de trabalho da sociedade. Segundo ANDRADE (1998), o espaço geográfico se interpenetra em um mesmo território, com o espaço econômico, espaço elaborado pelas empresas ao estabelecerem a sua área de influência para o desenvolvimento de suas atividades e projetos, ou seja, os limites destacados são pertinentes para a posterior descrição das áreas de ação da COPAGRIL.

À medida que o projeto de colonização se consolidava mais migrantes chegavam ao município de Marechal Cândido Rondon, a

---

<sup>8</sup> Fragmento da entrevista do associado A.

<sup>9</sup> Com culturas tais como a soja, o milho, o trigo, avicultura, bovinocultura, suinocultura e piscicultura.

área cultivada se expandia e a produção dos agricultores era comercializada. Entretanto, eles enfrentavam dificuldades, tais como a falta de estrutura para armazenar e comercializar a produção, ausência de assistência técnica, de fornecimento de insumos e preços baixos.

Para inculcar o ideal cooperativista aos possíveis associados, a extinta Associação de Crédito e Assistência Técnica (ACARPA), hoje Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), promovia palestras sobre o sistema cooperativista. Enfim, para conseguir os necessários armazéns e caminhões, naquele momento, os agricultores não hesitaram formar uma cooperativa. Mas, além de agricultores informados sobre o sistema cooperativista, como meio de obter melhorias para sua atividade, a fundação da cooperativa dependia de registros legais e de uma estrutura física.

Portanto, reunidos em torno destas necessidades e diante da conjuntura do Brasil no mercado internacional, que propiciava a expansão de cooperativas com o apoio dos governos federal e estadual, de órgãos ligados a agricultura como ACARPA hoje EMATER<sup>10</sup> e o INDA atual INCRA<sup>11</sup>, primeiros órgãos ligados ao sistema e a doutrina cooperativista, criou-se a Cooperativa Agrícola Mista Rondon LTDA- COPAGRIL, hoje Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL<sup>12</sup>. Segundo um dos associados entrevistados “nesse período praticamente em todas as cooperativas já se fazia presente um representante da ACARPA” buscando incentivos para a região, com o princípio de incentivar a produção agropecuária. É válido ressaltar que a primeira vez que este programa foi adotado no Brasil durante o Período Militar, para os associados mais antigos, melhor fase da agricultura, devido aos incentivos e a garantia de bons preços nos produtos.

### **COPAGRIL, Associados e Relações de Poder.**

Em Marechal Cândido Rondon o número de associados é superior as demais localidades dos 3.803 associados cerca de 1.744 estão localizados neste município, devido a seu contingente populacional ser mais significativo, bem como pelo fato de em seu território estar localizada o centro Administrativo da COPAGRIL.

A COPAGRIL atua nas mais diversas áreas do agronegócio, “atendendo as necessidades e procurando agregar valor na produção de seus associados”<sup>13</sup>. O termo agregação de valor remete uma diferenciação no pagamento da produção. O pagamento realizado pela cooperativa difere muito devido ao fator quantidade de produto entregue a cooperativa. Fator esse que não deveria ocorrer, pois, a cooperativa

---

<sup>10</sup> Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural.

<sup>11</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

<sup>12</sup> Posteriormente será destacado a mudança da razão social.

<sup>13</sup> Iden.

deve visar ao bem do homem, sem diferenciação. Não deve ter apenas no seu discurso que é o símbolo da justiça social, da distribuição de renda e da cooperação, mas deve realizar este intento de maneira prática. [...]. O cooperativismo sempre vai ser o que se faz dele, podendo servir tanto a bons quanto a maus fins (GERKE, 1992, P.206).

Nas entrevistas diversos associados demonstraram seu descontentamento com a cooperativa, devido ao valor recebido pelos seus produtos. Muitos associados indagaram que o real motivo de sua associação foi à busca de uma melhor estabilidade financeira, pensando no auxílio que a cooperativa daria a eles.

Existem diferenças apontadas pelo maior ou menor volume de produção, pela maior ou menor valorização da atividade agrícola a que se dedicam, pela propriedade de grandes ou pequenas porções da terra, pela forma como eles se introduzem e vivenciam a instituição cooperativa, pelo modo como eles se identificam no processo de produção. Essa classificação corre o risco de denotar um aspecto generalizante, pois para a avicultura sua cultura ocupa uma área relativamente pequena, isto é, um pequeno proprietário de terra pode ser um grande produtor de frangos e até se considerar como um empresário, dependendo de quem assinar como avalista, ou da aprovação do financiamento bancário.

A identificação de uma atividade cooperativista agroindustrial em Marechal Cândido Rondon, esta fundamentada no contexto e no processo de ocupação e de uso do solo agrícola. A inclusão da agricultura na dinâmica industrial, financeira propiciou no ano de 2005 a mudança da razão social da COPAGRIL, passou a denominar-se Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL, devido à inauguração de seu complexo avícola.

A COPAGRIL assume padrões de conduta empresarial para assegurar alguma competitividade, porém ainda preserva um caráter específico que a distingue das outras empresas cooperativistas, pois é uma instituição de natureza “híbrida” e contraditória que sobrevive e se reproduz no seio do capitalismo, como destaca o associado E, “para a cooperativa sobreviver nesse mundo globalizado teve que mudar o estatuto teve que assumir uma postura de empresa, porém ainda objetivando o lucro ao associado”<sup>14</sup>.

Estudar as cooperativas agroindustriais requer uma prévia da viabilidade destas associações num conjunto de tendências e contradições. Alguns associados entrevistados relatam que se associaram acreditando na ideologia cooperativista, onde o associado receberia tratamento diferenciado de um não-associado. Na teoria as cooperativas são vistas como “protetoras” da agricultura autônoma e dinâmica, mas na prática amplia sua participação no processo de modernização. Segundo o associado B, “o agricultor está cada vez mais amarrado, perdendo a liberdade, tanto financeiramente,

---

<sup>14</sup> Fragmento da entrevista do associado E, 2008.

sanitariamente, tecnologicamente, devido à burocracia <sup>15</sup>. O que adianta ter crédito se não tem renda para sanar as dívidas.

Através destas práticas, questiona-se se a COPAGRIL é uma cooperativa, o que ela é e representa para o agricultor? Como escrito por FABRINI (2002, p.43), as cooperativas agrícolas negam suas próprias práticas e princípios quando tentam se inserir no “oligopolizado” mercado mundial, pois, com esse ato, competem com a cooperação, com a união e com a livre adesão, pois a partir do momento em que a mesma se insere no mercado capitalista, ocorre a seleção de associados, associarem agricultores com maiores condições para se capitalizar, com o intuito de aprofundar as relações capitalistas para resistir à falência.

Para que o vínculo entre Cooperativa e associados aconteça, segundo publicações, as cooperativas procuram seguir os princípios do cooperativismo, sendo eles; “a adesão livre e voluntária; gestão democrática pelos sócios; participação econômica dos sócios; autonomia de independência; educação, formação e informação; cooperação entre cooperados e interesse pela comunidade”<sup>16</sup>. Porém, segundo (MÜNKER *apud* RECH, 2000, p. 23), as cooperativas brasileiras não se adequaram aos valores cooperativistas estabelecidos em 1995 pelo congresso da Aliança Cooperativa Internacional (AIC), que são ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade, solidariedade, ética, honestidade, transparência, preocupação com os demais, livre acesso, adesão voluntária, combate à discriminação.

Do ponto de vista da democracia esses princípios são interessantes, porém a sociedade encontra-se tremendamente dividida em privilegiados e excluídos “camufla a divisão de classes e nivela por cima a participação de ricos e pobres, sem considerar que, neste caso, pelo poder econômico quem acaba exercendo o poder sempre será o pequeno grupo, ou seja, os privilegiados” (RECH, 2000, p.40). Este foi um dos fatos que transformou a COPAGRIL nos últimos anos em um espaço privilegiado para os grandes produtores, onde os pequenos foram marginalizados ou ainda tiveram que se auto-excluir. Assim, ao mesmo tempo em que defende que a adesão seja voluntária, este livre acesso tem restrições. Pode-se destacar que a partir do momento em que seus dirigentes querem passar essa visão de cooperativa, seu discurso é empresarial, com isso esses princípios não exercem mais tanto valor, pois o sistema capitalista de produção corrompeu esses lemas, os revertendo ao governo de Estado, ou melhor, ao poder.

O discurso fundamentado no cooperativismo, divulgado através da assessoria de imprensa da COPAGRIL<sup>17</sup>, dos meios de comunicação local e regional, repercute como uma proposta positiva para a diversificação das atividades e para a geração de renda dos associados. “A gestão do cooperativismo está calcada no discurso dos

<sup>15</sup> Fragmento da entrevista do associado B.

<sup>16</sup> Revista COPAGRIL - Marechal Cândido Rondon, ano 01/ Edição 08, julho/2005

<sup>17</sup> As informações que vão ao ar são repassadas à rádio pela assessoria de imprensa da cooperativa.

representantes governamentais que vêm nesta forma de organização o fio condutor do bem estar social e econômico” (SCHLOSSER, 2001, p.150).

As informações da cooperativa são direcionadas através da Revista COPAGRIL (RC) e, sobretudo a partir do Informativo COPAGRIL (IC) que vai ao ar na rádio Difusora do Paraná, de segunda a sexta no horário das 12:00 às 12:15 h.

As constantes reprogramações nos horários da programação da Rádio Difusora buscam abranger e mobilizar o público ouvinte. No campo, uma parcela significativa de agricultores ouve o rádio somente em alguns horários. Neste sentido, o empenho em planejar a programação busca alargar a audiência continuada e construir uma “programação” para o rádio que a distinguisse de outra emissora. Assim, a abertura para sugestões provenientes dos ouvintes permitiu, por meio de cartas, telefones, replanejar a programação[...]. Neste horário os agricultores estão descansando, tomando chimarrão ou almoçando. Portanto, as constantes reprogramações ajustam o horário para direcionar as notícias a um grupo significativo de agricultores. (SCHLOSSER, 2005)

No decorrer do ano essa cooperativa realiza inúmeras pré- assembleias para demonstrar aos produtores inovações e o balanço financeiro. Segundo RECH (2000) “a assembleia geral é o órgão máximo da sociedade cooperativa, podendo deliberar sobre todas as questões relativas à mesma desde que respeitados os estatutos e a legislação em vigor”. Essas assembleias podem ser gerais ou extraordinárias.

Quanto à participação dos associados nas assembleias, a grande maioria dos entrevistados(78%) respondeu que participa. As respostas são divergentes, alguns participam para saber dos resultados, ficarem por dentro das prestações de contas, verem as autoridades prometerem políticas agrícolas, discutir os assuntos, em contrapartida os outros argumentam que participam, pois recebem brindes, destacam que embora se diga que o órgão supremo da cooperativa é a assembleia geral seus assuntos já foram esclarecidos e tomados nas pré- assembleias. Mas (tanto os que participam e os que não participam das assembleias) não concordam com a forma de tomada das decisões, sabe-se que nestas assembleias o voto é por aclamação<sup>18</sup> e não por votos em papel, isto manipula em muitas circunstâncias o dizer alheio, constrangido desta forma o agricultor ao voto, “se meu amigo levantar a mão eu também levanto, pois se não fizer isso sei que irão perguntar depois”<sup>19</sup>. Os associados entrevistados que não participam nas assembleias destacam que é pelo fato das decisões já serem tomadas antes, por duvidarem da veracidade das mesmas, duvidando dos resultados, não sabendo muitas vezes o que está por traz das decisões. O associado C

---

<sup>18</sup> Os associados levantam as mãos se estão a favor das decisões tomadas pela classe diretora.

<sup>19</sup> Destacado na entrevista do associado F.

participou poucas vezes de uma assembléia e fez a seguinte comparação “um católico frio vai pouco à igreja, da mesma forma que um cooperado frio não tem interesse em participar das assembléias, motivado pela decepção com a cooperativa, decepção que a cada ano aumenta, por isso não sou um associado fiel”. Esta posição caracterizada como uma forma de resistência ao sistema capitalista, bem como ao cooperativista vigente.

O controle democrático das cooperativas, no caso a COPAGRIL, deveria dar-se por meio das assembléias, instâncias esta onde os associados deveriam debater e decidir a gestão, pois “os associados devem ter instancias de debate e participação permanentes (...) sendo esses a base dos encaminhamentos para se chegar as decisões de assembléias” (RECH, 2000, p.123-124), “participo das assembléias, mas quando quero falar não sou ouvido”<sup>20</sup>, com esses atos os objetivos dos associados tornam-se divergentes e antagônicos aos da cooperativa.

O caráter híbrido e contraditório a que se refere essa pesquisa, está no sentido também da COPAGRIL manter uma relação paralela entre produtores livres e integrados. Os livres são os produtores associados a cooperativa que mantêm uma relação de compra de insumos, venda da sua produção e qualquer participação típica de uma relação associado/ cooperativa. Os integrados são produtores também associados à cooperativa, porém, compromissados por meio de contrato, tanto para a produção de frangos ou de suínos da COPAGRIL.

A integração com a Cooperativa ocorre por diferentes formas, a primeira mais característica dos pequenos agricultores é a integração da propriedade com as culturas do associado, ou seja, o associado utiliza os produtos da agricultura, pecuária e a mão-de-obra familiar para as atividades. É um ciclo, o grão é colhido, destinado para a alimentação dos animais e posteriormente o dejetos serve como adubo na lavoura. A outra forma de integração é a empresarial, onde ambas as partes assinam um contrato de parceria para o desenvolvimento da atividade.

O contrato de parceria firmado entre a COPAGRIL e os avicultores<sup>21</sup> tem força executiva e fins legais, onde o não cumprimento é motivo de rescisão por justa causa, sem direito a indenização ou qualquer ressarcimento, quer monetário ou moral, para ambas as partes.

Tal contrato estabelece uma serie de exigências para que o “parceiro/ terminador” transforme os pintainhos em frangos, sendo que não o fazendo por ato de sua responsabilidade, responderá civil e criminalmente, nos termos da lei, exigências essas como,

nessa condição “privilegiada”de contratualizado que o avicultor assume uma série de compromissos, como as despesas com a manutenção do aviário, gás, energia elétrica, água, funcionários, encargos trabalhistas, fiscais e

---

<sup>20</sup> Destacado na entrevista do associado A.

<sup>21</sup> Poderia ser de suínos.

previdenciários. Como contra partida, recebe da cooperativa a prestação de assistência técnica para que o avicultor obtenha melhores resultados possíveis, pois a rentabilidade financeira dependerá do Índice de Eficiência Produtiva (IEP) calculado de acordo com a taxa de mortalidade e a conversão alimentar<sup>22</sup> do início ao final do ciclo produtivo (BELUSSO, 2007, p. 82)

O sistema de contratualização agrega diferentes níveis entre produtor e agroindústria, como a racionalização das tarefas e do saber interno, a adoção de técnicas e a subjetividade do sistema contratual, ou seja, a interação e o conflito entre os modos de vida e os valores culturais locais com as inovações técnicas. Contudo, a posição dos produtores integrados à agroindústria é o significado de uma vida política econômica regulada pelo capital industrial e pela lógica da exploração e da acumulação capitalista no campo.

Entre os motivos que convenceram os agricultores entrevistados a implantar aviários, chiqueiros, até mesmo estábulos, verificam o objetivo de melhorar a condição econômica ao obter remunerações mais vezes ao ano, como destaca o associado E,

entre as três atividades, leite, suínos e frango, o frango é o que tem menos trabalho, pois com os suínos você faz duas vendas por ano, o leite esta sempre oscilando, mas com o frango, a cada 60 dias você vende um lote. É necessário ter dinheiro não somente duas vezes ao ano. Em segundo lugar, o fato de diversificar a produção e não depender somente do plantio da soja, milho ou trigo, correndo o risco de perdas em virtude de estiagem ou geadas, por exemplo (Associado E, 2008)

Se a principal razão que determinou a integração dos produtores foi à dificuldade de manutenção, ampliação da renda poderia parecer contraditório o investimento de alto montante de recursos para a implantação do aviário. Supõe-se que o discurso de garantias, ou melhorias difundido pela COPAGRIL, estabeleceu a subordinação do agricultor ao crédito bancário.

Para um associado ter plenas condições em construir um aviário na propriedade financiando o mesmo totalmente (100%) necessitaria de uma estrutura fundiária de 20 hectares, “se o financiamento for de 150 mil, para ser aprovado tem que ter um capital de 300 mil”<sup>23</sup>.

Segundo dirigentes da COPAGRIL, os resultados alcançados pelos primeiros aviários demonstram que esta é uma alternativa rentável para o associado. Porém, ao analisar a lista dos melhores e maiores produtores avícolas, percebe-se que na mesma não consta o nome de pequenos agricultores, mas sim de “pessoas muito conhecidas” na sociedade Rondonense (Tabela 02). A avicultura é uma opção de renda para os grandes proprietários, pois, os pequenos não têm sequer condições de implantar essa

<sup>22</sup> Ganho de peso, por quantidade de ração tratada.

<sup>23</sup> Dados obtidos nos recursos humanos da cooperativa.

diversificação, devido aos preços elevados da estrutura e as altas taxas de juros. Segundo o associado que possui essa forma de integração, “em 08 anos da integração a produção, a renda gerada pelo aviário não paga os custos é necessário ter uma outra renda para auxiliar nesse pagamento<sup>24</sup>”. Este mesmo associado apesar de possuir somente 03 hectares conseguiu financiamento de 70 %, e outro entrevistado que possui 14 hectares não conseguiu. Supõe-se que o associado E por possuir maiores vínculos com a cooperativa conseguiu financiamento, fato que demonstra mais uma vez o ato de seletividade entre os associados.

<b>Avicultores</b>		
Lotes de Frangos: Misto		
Produtor	Município	Pontos
Edílson Antonio Pacheco	Mercedes	326,27
Adelar Osmar Borth I	Marechal Cândido Rondon	324,82
Claudemir José Zimmermann	Mercedes	323,50
Média Geral do Mês		280,10
Conversão Alimentar	Município	Gramas
Claudemir José Zimmermann	Mercedes	1.730
Elio Lino Rusch I	Marechal Cândido Rondon	1.734
Hildor Dreyer	Marechal Cândido Rondon	1.750
Média Geral do Mês		1.858
Ganho de Peso Diário	Município	Gramas
Edílson Antonio Pacheco	Mercedes	60,65
Ari Aloísio Maldaner	Entre Rios do Oeste	60,38
Adelar Osmar Borth I	Marechal Cândido Rondon	60,21
Média Geral do Mês		55,15

TABELA 07- Avicultores, Lista melhores resultados.  
Fonte: Revista COPAGRIL.

É notável a presença da heterogeneidade dos associados, no sentido de diferenças quanto à suscetibilidade da subordinação do trabalho e conseqüente expropriação da renda da terra. Por exemplo, os que são citados como produtores destaque na produção de frangos são pessoas influentes na sociedade, que possuem aviários, porém não moram no campo e as tarefas são realizadas por empregados assalariados no estabelecimento. Na COPAGRIL há casos em que tal proprietário de aviário é também um comerciante na cidade e esposa e filhos desempenham outras profissões não relacionadas diretamente à atividade agrícola, bem como casos onde os proprietários dos aviários trabalham e moram no estabelecimento, onde há um envolvimento maior na atividade.

Os diversos produtores são iguais enquanto categorias de associados à cooperativa e integrados, no entanto, perante a condução administrativa, seu posicionamento como diretoria ou a quantidade de produção entregue à cooperativa, diferencia-os na participação da tomada de decisões que são previamente articuladas,

<sup>24</sup> “Sei dessas informações pois tenho muita proximidade com a COPAGRIL, fui um dos fundadores, embora meu nome não esteja entre os 29, bem como fui o terceiro presidente da cooperativa” ( Associado E, 2008).



apresentadas nas assembleias ordinárias. Quanto maior é a dependência em relação à cooperativa, maior a subordinação às decisões que lhe são impostas.

Apesar das relações de poder sofridas, dos descontentamentos expostos, supõe-se que o quadro social possui esperança de reversão do quadro, onde através das contradições a diretoria possa lutar por políticas adequadas. Argumentam que com ela já está ruim imagina sem ela não imaginam como seria a situação

<sup>25</sup>.

Os associados, principais componentes da cooperativa devem unir-se e lutar por políticas agrícolas, não ficar no conformismo esperando isto da cooperativa, empresa no caso, pois como exposto nas discussões anteriores, objetiva o lucro e sua ascensão no mercado, através das culturas atreladas ao agronegócio, impróprias para a realidade da maioria dos produtores associados, dependendo da situação complexa e contraditória. O agricultor familiar pode produzir, diversificar para seu consumo e para o mercado local bem como o “maior” produtor para a exportação

### **Considerações Finais**

O cooperativismo não deve ser um fim em si mesmo, mas um meio para o aprimoramento da comercialização, do consumo, da assistência, da ajuda mútua e da solidariedade entre seus membros. O cooperativismo deve visar o bem de seu quadro social, não deve ter apenas em seu discurso que é o símbolo da justiça social, da distribuição de renda e da cooperação, mas deve realizar esse intento de maneira prática.

A relação da cooperativa e o seu grupo de associados segue em jogo de forças, entre a ideologia de sua formação e a prática de sua sustentação econômica. O instrumento que determinaria os pesos relativos aos princípios do cooperativismo e à viabilidade econômica seria, então, a cooperativa, no sentido literal de uma balança.

Alguns vícios das cooperativas, como o gigantismo, possivelmente serão difíceis de corrigir, mas outros como gestão democrática dentro das grandes empresas cooperativistas, pode ser amenizado com uma maior “pressão” e sensibilização. O grande número de associados torna difícil a representatividade, porém esta poderia ser estabelecida por um sistema de representação proporcional feito através dos delegados das unidades adjacentes.

Os mecanismos de controle e de dominação para com os associados são tão sutilmente utilizados, que a maioria das pessoas não percebe, no simples fato de comercialização dos produtos, implantação de culturas ligadas ao agronegócio, bem como ao firmar a produção integrada, esta relação com tais associados contradiz o princípio cooperativista de adesão voluntária e livre, quer dizer o produtor está “preso” por cláusulas do contrato. É neste sentido que se apresenta o caráter híbrido da cooperativa esse destaca a

---

<sup>25</sup> Associado A.

dificuldade em explicar a pertinência do cooperativismo a partir dos contratos de produção integrada. Com a contratualização o produtor perde a autonomia, o seu papel de associado a cooperativa pode se resumir a transformar os pintainhos que lhe pertencem em frangos, da mesma forma os leitões em suínos de engorda.

Como destacado, os discursos auxiliam a formação da opinião dos associados, através de programações em horários estratégicos, com propagandas atrativas atreladas ao sistema da COPAGRIL.

É fato que conflitos e contradições entre os estatutos cooperativistas mais conservadores e as modernas perspectivas empresariais são irremediáveis. Neste sentido, ao Cooperativismo são elaboradas novas práticas adaptadas às dinâmicas da sociedade capitalista.

Contudo, para o quadro social, a existência da cooperativa permite visualizar a contradição que, num olhar otimista, é a brecha para transformações, esperanças essas que a muitos anos os associados almejam.

### **Referencias Bibliográficas**

BORIN, J; VEIGA, J. E. da (coord.) *Brasil Rural na virada do milênio: a visão de pesquisadores e jornalistas*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

BELUSSO, D. *A Cooperativa C.Vale e as perspectivas dos produtores integrados à agroindústria em Palotina- PR* (Dissertação de Mestrado). Maringá: PGE/UEM, 2007.

FABRINI, J. E. *A resistência camponesa nos assentamentos de sem-terra*. Cascavel: Edunioeste, 2003. (thésis)

FLEISCHFRESSER, V. *Modernização tecnológica da agricultura : contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70*. Curitiba : Livraria Chain, 1988.

FREITAG, L da C. *Fronteiras Perigosas: migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937-1945)*. Cascavel: Edunioeste, 2001, 140p.

GERKE, Arno Alexandre. *Copagril : uma análise do cooperativismo no Oeste do Paraná*. Curitiba, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.

GREGORY, Valdir. *Desenvolvimento e modernização agrícola*. Rio de Janeiro, 1995. (apostila)

GREGORY, Valdir (2002). *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: Edunioeste.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Meu Mapa*. Acesso em : 11/10/2008.

IPARDES- Fundação Édison Vieira- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. *Agroindústrias e Cooperativas no Paraná*. Curitiba, 1985, p.55.

KAUTSKY, K. *A questão Agrária*. 3 ed. São Paulo: Proposta Editorial, 1980, p.329.

- OCEPAR- Organização das Cooperativas do Estado do Paraná.  
COSTA, N; SILVEIRA, G.B.da; TURRA,F.E. (org)  
*Cooperativismo e Agroindústria no Paraná*. Curitiba: 1986,  
p.95.
- OLIVEIRA, A.U.de. *A agricultura camponesa no Brasil*. 4.ed. São  
Paulo: Contexto, 2001.
- PFLUCK, L.D. *Mapeamento geo-ambiental e planejamento urbano:  
Marechal Cândido Rondon -PR/ 1995-1997*. Cascavel:  
Edunioeste.
- RECH, D. *Cooperativas: uma alternativa de organização popular*. Rio  
de Janeiro:DP&A, 2000.
- Revista Copagril - Marechal Cândido Rondon.
- SERRA. E. *Um pouco da História do Cooperativismo agrícola no  
Paraná*. Boletim de Geografia, n.1, 1995, PP.55-62.
- SCHLOSSER, M. T. S. *Nas ondas do rádio: a viabilização da  
modernização agrícola no oeste do Paraná (1960-1980)*.  
Maringá, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) –  
Universidade Estadual de Maringá.
- SCHLOSSER, M.T.S. *Rádio, Consensos e dissensos: o reverso do  
discurso e a crise da especialização agrícola (Extremo Oeste do  
Paraná 1980-2000)*. Presidente Prudente, 2005. Tese  
(Doutorado em Geografia) – UNESP
- SINHORINI, Marcos José. Agricultura e Sustentabilidade. In. *X  
Encontro de Geografia da Unioeste (X ENGEO) e IV Encontro  
de Geografia do Sudoeste do Paraná (IV ENGESOP)*. 2005.  
Francisco Beltrão: Unioeste. p.99-101.